

ANO IV  
1948  
1335  
PREÇO \$30

# DIÁRIO POPULAR

LISBOA  
Domingo  
16  
Junho

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: João Rebelo — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 87 — Telefones 20261, 7/3 — Endereço Teleg.: «Popular»

## A EQUIPA DE PORTUGAL A DESPEITO DAS CONTRARIEDADES SURGIDAS PARA A SUA ESCOLHA

ENCARA COM TODO O ENTUSIASMO

A SUA PROVA DE HOJE CONTRA

O «ONZE DA IRLANDA», DE EXCELENTE CATEGORIA

O acontecimento de mais evidência da jornada desportiva de hoje, é, evidentemente, a partida internacional de futebol entre as equipas da Irlanda e de Portugal, a jogar no Estádio Nacional e arbitrada pelo juiz de campo suíço Paulo von Wartburg.

Trata-se da quinquagésima-primeira apresentação do «onze de Portugal» desde que em 18 de Dezembro de 1927, o futebol português recebeu o baptismo internacional defrontando a selecção de Espanha, e será a última da época 1945-1946, visto que o desafio Portugal-Espanha não foi mantido pelos dirigentes da nação vizinha.

Foi condigno o comportamento dos jogadores portugueses nas partidas internacionais anteriores, durante esta temporada, uma formal contra a França e outra em desafio de recrutamento limitado mais que em nível internacional não ficou a dever ao desafio contra os gauleses, esse grande desafio do Exército Português-Royal Air Force. Suportando as responsabilidades e a emoção contra o fortíssimo grupo de internacionais de Inglaterra que constituiu o onze da R. A. F., os nossos militares, mais do que através do resultado, pois tudo assentou principalmente na maneira como souberam jogar, foram particularmente brilhantes. E, contra a França, o onze nacional, se bem que não chegando a uma exibição de qua-

lidade muito de prever, obteve um resultado interessantíssimo, de 2-1, contra uma equipa que, no jogo imediatamente anterior contra os checos e, depois, contra a equipa de Inglaterra, firmou categoria de relevo no futebol actual.

Que farão, logo, os nossos representantes?

Como se sabe, os trabalhos de selecção não foram facilitados em nada, pela força das circunstâncias, na semana que decorre. Feliciano, um pilar da defesa, esteve doente durante a semana e é mantido, mas possivelmente com possibilidades para rendimento menor que o habitual; e outros jogadores apresentaram-se mazelados a ponto de ou terem de

ser dispensados ou obrigados a chamamentos de ultima hora, como é o caso de Julio, do Benfica, e Manuel Marques, do Sporting.

No papel, estes contratempos atingem necessariamente a intenção do seleccionador e, abstrahido isso, enfraquecem o valor global do conjunto, em especial no que respeita a Feliciano, que tinha tido exibições grandiosas nas equipas de selecção e que na sua equipa de clube teve, sem desfalecimento, uma época de consagração.

Mas não se deverá descreir por completo nem do valor da equipagem portuguesa, nem, muito menos, da vontade, decerto espicada, dos nossos representantes, que alinharam, conforme ontem à noite o seleccionador informou:

Azevedo, Cardoso e Feliciano, Amaro Francisco Ferreira e Serafim, Lourenço, Araújo, Peyrotto, Caiado e Rogério.

Estrelam-se, portanto, Lourenço e Caiado.

(Continua no 12.º pag.)



CARDOSO e FARREL  
capitães das equipas portuguesas e irlandesa



Excelente defesa de Marques, guarda-redes «leonino», scossado pelo avançado-centro do S. de Espinho, durante o desafio de hoje para o título de campeão de juniores, conquistado pelo Sporting Clube de Portugal

(Ver relato nas páginas centrais)

## O «VELHO DA SILÉSIA»

Um artigo de  
SIMPLEX

No momento da sua morte, ocorrida como a de Goethe, aos 83 anos,—o grande poeta Gerhart Hauptmann preparava-se para abandonar a sua casa, identicamente ao que fizeram milhares de outros alemães da Silésia que vão

ser substituídos por polacos. Uma vítima entre milhões na formidável tragédia em que a Europa inteira entra em cena é maneira dos grandes quadros dos dramas históricos, nos quais Hauptmann misturava os protagonistas com os humildes da massa anónima,—os pobres tecelões em revolta impotente, os rebeldes camponeses em luta fratricida, os «unkas» apavorados em face dos deuses mortíferos e de pele branca. Este homem que nunca pensara em emigrar, esteve finalmente, prestes a ser expulso da sua propriedade de Agnetendorf, onde viveu a maior parte da sua vida, num «Tusculum» das montanhas, muito perto do lugar do seu nascimento. Porque, se o «velho» «Wiesensteiner» não foi menos clarividente que outros sobre as horripíveis coisas que haviam de suceder, estava, no entanto, ligado em demasia e indissolvemente às forças elementares da sua terra natal, á pequena e á grande pátria, para poder tomar o caminho do exílio, como um Thomas Mann, escritor cosmopolita e cidadão das grandes cidades.

É flagrante a semelhança do anúncio com a figura olímpica do weimarismo que alava no seu génio a civilização mais refinada á afinidade — a mais íntima — com os elementos naturais, mas o facto não deve fazer-nos esquecer que Hauptmann, filho da floresta silésiana, foi muito mais um génio da Natureza, um místico ao serviço do seu demónio, como o filho da bela cidade de Francfort

(Continua no 4.º pag.)

## UMA FESTA

A FAVOR DA CAIXA DE SOLIDARIEDADE

DOS VENDEDORES DE JORNAIS

PATROCINADA PELO «DIÁRIO POPULAR»

Dentre as instituições de gente humilde que existem em Lisboa, realizando meritória obra de solidariedade, bem merecendo por isso a simpatia publica, destaca-se a Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais.

A esta prestíssima instituição de previdência vai ser dedicado um espectáculo de «Teatro Popular» no próximo dia 21, no Variedades, gentilmente cedido pelo empresário Piero Benardou, espectáculo

que tem o patrocínio do «Diário Popular», movido pela simpatia que sempre lhe tem merecido a classe dos vendedores de jornais. Esse espectáculo, será preenchido com a revista de 2 actos e 20 quadros, ligados por Stelio Gil e com musica de D. Helena Morreira Viana, intitulada «Alegria do Bairro».

A peça será interpretada por emzadores dos grupos cénicos das seguintes colectividades de recreio: Clube Atlético de Campo de Ourique, Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», Belem Clube, Academia Xavier Pinheiro e Casa da Africa Portuguesa.

Os simpáticos vendedores de jornais vão ter mais uma ocasião de ver quanto são estimados pelo povo de Lisboa, que lhes manifestará mais uma vez o seu apreço.

(Continua no 6.º pag.)

## O MUFTI NÃO CHEGOU À SÍRIA

DAMASCO, 16. — O jornal «Al Efta» publica hoje uma declaração do Primeiro Ministro Abdullah Jabry desmentindo que o Mufti de Jerusalem tenha chegado á Síria. — (R.)

## 14 FILHOS 87 NETOS

E 22 BISNETOS DEIXOU UMA SENHORA que morreu com 101 anos

HOBERT (Tasmania), 16. —Grace Williams, natural de Cornwallha, faleceu recentemente na Tasmania, em Derby com a idade de 101 anos. Deixou 14 filhos, 87 netos e 22 bisnetos.

Grace Williams veio para a Austrália com o marido em 1864, residiu em Victória, e estava na Tasmania desde 1878. Tinha conviviado em 1909. — (U. P.)

## TERMINOU A GUERRA CIVIL NA CHINA

FOI ASSINADO UM ACORDO DE PAZ ENTRE OS GENERAIS

CHIANG-KAI-CHEK E CHO EN LAI

XANGAI, 16. — Segundo telegramas dos correspondentes dos jornais em Nankim, publicados nos órgãos de Xangai, o generalissimo Chiang Kai-Chek, na qualidade de chefe do Governo Chinês, e o general Cho En Lai, assinaram um novo acordo de paz que se segue á trégua de 15 dias.

O exito das negociações deve-se em grande parte á mediação do general George Marshall, enviado especial norte-americano á China.

A primeira notícia da assinatura do acordo de paz na Manchuria foi recebida de Nankim na sexta-feira, mas até ontem, sábado, havia informações de que se continuava a combater a despeito da trégua oficial. Na quarta-feira o informador

## PECO A PALAVRA

# EXAMES

pelo prof. DELFIM SANTOS

Chegado o fim do ano lectivo, e terminadas as labutas diárias do «dar aulas e do ouvir aulas», professores e alunos são naturalmente levados a pensar, por motivos diversos, mas todos de interesse pedagógico, sobre o valor e o rendimento escolar do ano que finda.

O professor, quando não mecanizou o seu ensino e se não calterou totalmente na seabata, vive neste período horas preocupadas. A preocupação advem-lhe do fac-

to de ter de deixar de ser professor para se tornar «juiz», com todas as inglórias dificuldades que tal função acarreta. Os alunos deixaram por momentos de ser estudantes, para se tornarem «crúas» de um processo, que levou um ano

(Continua no 4.º pag.)

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

# EXAMES TU CÁ, TU LÁ O «VELHO DA SILESIA»

(Continuação da 1.ª pág.)

a concluir, e que, para a maior parte deles, é, quanto à decisão, uma obscura incógnita. Para professores e alunos, trata-se, pois, de uma hora infeliz. Tanto uns como outros passam a ser o que, sobretudo no ensino superior, não deveriam ser: juizes e réus.

★

Esta mutação brusca e temporária do pedagógico em judicial é uma fatalidade do calendário, e a pedagogia ainda não resolveu a contento de ambas as partes. Não haverá possibilidade de realizar uma pedagogia sem obrigação nem sanção, como pretendia Guyau para a moral? Segundo o filósofo francês, a especialidade do acto moral consistia na sua espontaneidade, e não no cumprimento de obrigação por temor a qualquer sanção.

Em pedagogia o problema da sanção tem sido muitas vezes tratado e ao longo dos séculos tem-se atenuado, sem dúvida, o rigor sancionador da velha pedagogia. A chamada escola nova tem imensamente contribuído para a abolição do castigo, pondo de parte o princípio imoral da concorrência, que dominou a escola, substituindo-o pelo da cooperação para que a humanidade deve ser insistentemente conduzida, como o pretendia Sanderson.

Apesar de tudo, os exames continuam, porque é necessário medir o aproveitamento dos estudantes, e dar numericamente a esse aproveitamento um certo valor, aparentemente expressivo de qualquer coisa que, no fundo, não tem significado nenhum. Medir capacidades de natureza intelectual é não só um problema difícil, mas também, talvez, sem sentido nenhum. No ensino superior, o aluno tem ou não tem capacidade de realizar trabalho científico. E avaliar a seriedade em graus expressos por números maiores ou menores, inteiros ou decimais, é sem dúvida um paradoxo, se não for mesmo um disparate.

Se os pedagogos estão convencidos disto, e se tantas vezes em estudos penetrantes sobre o assunto têm afirmado claramente e com apuro científico, o que aliás, todos os professores não retin-

ros têm observado na sua prática, por que razão se continua a praticar ao velho mito das notas com preocupações de equidade, de justiça — e não sabemos que mais — só por respeito a um hábito tradicional, mas infundado e vazio de conteúdo?

Diante das numerosas provas escritas que nesta quadra enchem as mesas dos professores, quantas hesitações, quanta indecisão e quantas lutas se travam na consciência daqueles que se tornaram «juizadores» por dever de ofício? Qual o critério a seguir, qual a escala a aplicar? Há casos que se tornam claros e que a aplicação dos alunos, durante o ano, auxiliou a resolver com o mínimo de preocupação para o professor e o máximo de clareza para o estudante.

Tratando-se, porém, de cursos numerosos em que a maior parte dos alunos a se não pôde revelar, como ajuizar com rigor e precisão, com base em duas provas escritas que, algumas vezes, nem são expressivas de capacidade, nem de saber, nem de aproveitamento?

A solução obrigatória é esta: é necessário voltar a «provar» o aluno, a submetê-lo a novas provas — que é o que anuncia o termo reprovação — mas estas novas provas só voltam a realizar-se um ano depois. Isto é, o aluno perdeu um ano e o professor perdeu o seu tempo com o aluno.

Ora, há um processo prático e económico de evitar tal dispendio de tempo, e de muitas coisas mais, com estes alunos que, não tendo suficiente vocação e interesse pelo curso que frequentam, se demoram inutilmente nas nossas universidades. Em vez de sucessivamente os submeter a reprovações, seria muito mais útil e benéfico estudar-lhes para os lançar no curso que lhes fosse mais adequado, ou na carreira própria às suas aptidões. Para isto era apenas necessário que, junto da universidade, funcionasse um conselho técnico-pedagógico de orientação dos estudantes que, por falta de vocação, se arrastam de ano para ano numa alfivina inconscientemente.

E os cursos superiores nasariam então a ser o que realmente deveriam ser: ambiente livre de trabalho livre só para aqueles que espontaneamente e dedicadamente querem trabalhar. Tirar teimosamente um curso superior porque o temor às sanções a isso obrigaram, parece selecção negativa. A universidade deveria ser uma oficina de trabalho orientado e assistido pelos mestres que igualmente deveriam trabalhar com os alunos. E' isto que se faz em todos os centros de cultura estrangeiros, e que ainda se não começou a fazer em Portugal.

Um curso superior não deveria ser feito à base de exames, mas de trabalhos de exploração de qualquer temática sugerida pelo professor ou requerida pelo aluno. E quanto mais livres fossem os cursos melhor se garantiria a frequência dos melhores. Alunos que vão às aulas só porque, se não fossem, perderiam o ano por faltas, seria melhor que nunca aparecessem na Universidade. Alunos que estudam apenas para não reprovar, são também elementos inúteis da paisagem estudiantil. E alunos que julgam terem concluído o realizado trabalho, quando conseguem reproduzir, em duas escassas horas, fragmentos de algumas lições dos professores, são também igualmente estudantes que não honram a sua escola, nem os seus mestres, antes a comprometem e a vida profissional lhes exigir a manifestação da sua competência, espontaneamente garantida por um diploma cuidadosamente elaborado em forma de cilindro.

## PARA COLÉGIO

Casa de repouso, etc., se vende ou aluga, grande palácio restaurado e magnífica quinta, 23 Hrs., instalações para todas explorações agrícolas e pecuárias, muita água, recreio e vend. a 10 km. saída de Lisboa. Carta apd. 1.º de Lisboa 702.

(Continuação da 3.ª pág.)

este não era um cão bem educado, mas seria manifestamente injusto negar-lhe sentido crítico e desassombro de opinião. Na verdade, aquele chapéu, a que o atrevido canino não sabidamente ladrava, não podia, de forma alguma, classificar-se de obra de arte, ou sequer de obra de elementos, bom gosto. Era simplesmente uma monstruosidade do tempo e da fortuna — e digo da fortuna, porque certamente deve ter custado um dinheirão. Os chapéus das senhoras, quando lhes dá para serem feios ou extravagantes, enfileiram entre as coisas mais extravagantes ou mais feias que aparecem pelo Mundo. Mas se, esteticamente, eram discentes, fisticamente eram poetas menos do que inofensivos — excepto para a bolsa de quem os pagava. Agora o problema ameaça revestir aspectos mais graves. O chapéu feminino não se limita já a cobrir ou a descobrir, com maior ou menor bom gosto, a cabeça de Eva; dispõe-se a atear os ares, acrescentando à confusão que larva pelo Mundo, mais uma tenebrosa confusão. O que era uma simples questão estética transformou-se numa questão de ordem pública. Se a moda pega quem vai poder viver à superfície da terra — a menos que seja estrondosamente surdo? Não poderiam efectuar-se as novas experiências da bomba atómica sobre os novos chapéus falantes? Ai fica o alente, que me parece sensato — e que se me não figura difícil de realizar.

Luis de Oliveira Guimarães

## Novas CORES DE PO' em harmonia com AS ÚLTIMAS MODAS



As últimas colecções de Costureiros de Paris e de Londres — em-nos que os vestidos desta estação exigem tonalidades novas nos tons. Pode-se agora encontrar estas últimas cores — criadas por uma célebre Especialista de Beleza — na nova escala seculora do Pó Tokalon.

«Naturales» — para beleza transparente para as peles muito brancas. «Véles» — um brilho rosa doado convidado à maior parte das «louras e às morenas de tez clara. «Branco-Solito» — encontro ideal para as morenas... e outras cores encantadoras, mais luminosas e mais vivas que todas as que se têm visto até hoje.

O Pó Tokalon é perfumado — o que o torna de vez em mais fino — parece natural. Tem o perfume e o aroma das flores verdadeiras e mantém-se o doçor do tempo, porque é misturado com a «Mousse de Creme» processado patentado.

Peça hoje mesmo as novas cores não insoneiras do Pó Tokalon. A venda em todas as farmácias e boas casas do ramo. Não encontrar a escrever para o Depósito Tokalon, Rua da Assunção, 88.2.º. Lisboa, nas atende na...

SELECCAO FOTOGRAFICA 10 - Rua da Misericórdia - 21

(Continuação da 1.ª pág.)

que nasceu no 18.º século — o século das luzes da razão.

## Entre o céu e a terra

Entre o céu e a terra, a produção incrivelmente rica e múltipla do poeta, do romancista e, sobretudo, do dramaturgo, muda incessantemente de motivo, escalando as alturas sublimes do conto de fadas cristão da morte da Joana, descendo às profundidades das paixões desencadeadas dos homens que sofrem e fazem sofrer os outros, na cabana do proletário e nos grandes palácios, experimentando todos os flagelos da carne e as terríveis inquietações da alma. Se, de Hauptmann, não se conhecessem senão as figuras de Emmanuel Lott, o doído iluminado, ou os seres semi-humanos, semi-elementares, nos quais conjurou a Silesia das florestas misteriosas e as suas gentes tão simples e, simultaneamente, tão divinamente complicadas, — ele teria já um lugar eminente no Pantheon moderno. Mas o que torna a sua longa vida e a sua obra enorme particularmente curiosas, muitas vezes perturbadora e algumas vezes grandiosas, é o facto de ele ter realmente vivido toda a sua época e dela ter reflectido as inauditas peripécias, como num espelho mágico. Semelhante a Ricardo Strauss na musica, Hauptmann teve sempre o ouvido à escuta, e nas suas transformações permanentes — alguns dirão: traições — mostra a sensibilidade extraordinária de um artista a contatos com uma realidade cada vez mais confusa.

Que dia o ultimo. «Who's Who» a seu respeito? Antes de reproduzir a lista dos seus 36 dramas, de uma vintena de grandes obras épicas e do resto, aquele almanaque inglês cita a série não menos impressionante das suas honrarias, a começar pela de doutor honorário de Oxford desde 1905 e o Prémio Nobel de Literatura em 1912. Anteriormente à primeira Grande Guerra, na idade de 50 anos, Gerhart Hauptmann atingira já o cume da celebridade nacional e internacional, adquirida, de facto, muito mais cedo, no dia da representação, em 1893, de «Freie Buhnen» em Berlim, de «Os tecelões», primeiro grande drama naturalista e socialista do então jovem alemão, filho de um hoteleiro e estendipado de arte. Seguiram-se imediatamente as surpresas das comédias magistrais e dos dramas líricos e lendas, mas, principalmente, a grande tragédia patriótica e histórica da guerra dos camponeses do tempo da Reforma, «Florian Geyer».

Parece-nos significativo que o Teatro de Zurique, unico grande teatro de lingua alemã na hora actual, tenha incluído novamente nos seus programas esta tragédia.

## Entre os duos guerras

Entre as duas guerras, Hauptmann tornou-se mais oscilante ainda na sua obra, e se bem que fosse galardoadado com o Prémio Goethe no centenário de 1932, a sua posição na Literatura alemã era asperamente discutida. Prosseguido no sonho helénico dos clássicos, ele escreveu em 1918 um conto de uma beleza rara, «O herético de Soanas», que era um toivo do paganismos pentecosta. «O Salvador Branco», a tragédia em verso do ultimo dos «Inkas», appareceu ao mesmo tempo. Num notável esforço, mas embaraçado por demasiado simbolismo e devido a meio caminho pela resignação, tentou, na epopéia de «Till Eulenspiegel» (1927) e nam dos seus ultimos dramas, «Hamlet em Wittemberg» (1935), encontrar a fórmula contemporânea antes e depois do acontecimento hitleriano. Nos ultimos anos era uma grande figura veneranda e solitária, debruçada sobre as recordações da sua juventude e ocupada a vigiar a ultima edição das suas obras completas publicadas, por ocasião do seu 80.º aniversário, em plena guerra.

Dizer-se que usurpou a máscara

goetheano, é ser-se injusto. Ele não estava isento da vaidade dos homens célebres, mas os seus traços de ancão eram, acima de tudo, marcados por uma acma de reserva que fazia lembrar, assaz naturalmente, a dignidade do «Olimpico de Weimar».

## Como Goethe...

Como Goethe, este epigono viveu um período de grandes tempestades, e quis permanecer fiel unicamente a si próprio, isto é, à sua missão artística, sem tomar uma posição publica nitidamente definida.

Ao contrário de Goethe, ele não teve a felicidade de assistir ao fim da tempestade e ver reaparecer o sol da Paz. A tempestade veio obscurecer os ultimos dias do poeta «Antes do pôr do sol». Espessos nevoeiros envolvem a Serra dos Gigantes na sua terra silesiana e o terrço lendário de Heisinger, onde Paul Valéry viu o Hamlet europeu mergulhado em profunda e dolorosa meditação, há um quarto de século. Como Valéry, Karl Kraus, Spengler, Hofmannsthal, Gerhart Hauptmann farão compreender às gerações futuras a grandezza e decência da nossa época e elas terão que admirar nas melhores das suas criações poéticas, estas valores eternos que surgem do solo e descem do céu para consolar a humanidade.

## FESTA DE HOMENAGEM ao povo de Campolide na «Verben» do Campolide

Atletico Clube Na «Verben» do Campolide Atlético Clube realizam-se, amanhã, às 21 e 0, uma festa de homenagem ao povo de Campolide de cujo programa faz parte um baile, fado por Cidália dos Neves, Aurora Sobral, Amélia Matos, Manuel Fernandes, Alberto Cardia e António Santos e a primeira exhibição do «Banche de Campolide», privativo do Tarujense Futebol Clube.

## TARDE DE BENEFICENCIA

Organizado por D. Maria Mendes Proes com a colaboração de D. Maria José Micaelo, D. Branca de Miranda Basto, D. Alice Sousa Rego, D. Belmira Mafra, D. Ernestina da Silva Carvalho, D. Fátima Tamariz de Oliveira, D. Guiomar da Cunha Maia, D. Maria José Antunes Santos Marques, e D. Maria Teresa Pereira das Neves, realizam-se na próxima quinta-feira, pelas 17 horas, nos salões do Clube Bialeiro, cedidos pela Direcção, um «ba» «Mah-jong» em favor da «Sociedade de Beneficencia Brasileira em Portugal, Rádio Jai mercados muitas mesas, vendendo as restantes ser reservadas pelos telefones 40690 e 45349.

Relojoaria Angulo A. Pinto Gomes O maior sorriso de relógios Agência Omega e Tissot Rua da Prata, 148

Escola de Aprendizagem para Motociclismo para Motociclismo Vendas Plásticos Reparções em bicicletas e motos. Oficina para todos os trabalhos de mecânica soldadura a castiçõ e electrotécnico ANTONIO AUGUSTO PARRINTEL TELER. 236 ALGES

T.S.F. Reparções em aparelhos de todas as marcas Est. VALENTIM DE CARVALHO Rua Nova do Almada, 97

APRENDA RÁDIO POR CORRESPONDENCIA, PEÇA FINITAS GRATIS ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 19 - PORTO

PRECISA-SE Loja para escritório, com 4 a 7 divições, nas proximidades da Baixa. Resposta a este jornal ao n.º 485.

DA COMPRA Pressão V.E.º ILEANDRO DA VENDA RARRABIDA - 51 - TEL.F. 6458 R. RUIQUE PALMEIRA - 29 - TEL.F. 416 74

Escola de aprendizagem - Oficina de reparações CASA A. VIEIRA Rua de D. Pedro V, n.º 3 - Lisboa